

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação** – fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

Por: *Luiz Henrique Sá da Nova* \*  
*Carla Carolina Costa da Nova* \*\*

O livro de Rosa Maria Bueno Fisher constitui-se em uma importante contribuição para os estudos interdisciplinares nos campos da Educação e da Comunicação, ao abordar a relação entre mídia, mais especificamente a televisão, e a educação. Esta é entendida pela autora como um processo de formação de sujeitos da cultura, e a televisão, como um dos campos construtores da cultura contemporânea. Na interação destas duas áreas, a análise central enfocada pelo livro, daquilo que a autora denomina de “dispositivo pedagógico da mídia” (FISCHER, 2001, p. 7).

Bueno Fischer faz uma abordagem rica em relação à mídia televisiva. Reconhece a importância desse meio de comunicação, em uma contemporaneidade marcada pelo avanço tecnológico, apresentando-o, ao mesmo tempo, enquanto produto e construtor da cultura atual. Entendendo assim a televisão, apresenta-a não apenas como recurso didático para a prática educativa, mas também como espaço eivado de elementos culturais, presentes, ainda, em muitos outros espaços sociais. Para a autora, portanto, a mídia televisiva é um meio que interage ativamente na constituição do social, da política e da cultura. Desta forma, é um destacado objeto de pesquisa, do qual a educação deve se aproximar e com o qual deve interagir, posto que é ela também parte destacada da sociabilidade contemporânea. Como afirma a autora,

---

\* Doutorando do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Faculdade de Comunicação (Facom) da Universidade Federal da Bahia (Ufba). Professor de Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB). E-mail: luiznova@yahoo.com.br

\*\* Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). E-mail: novacarla@uol.com.br

[...] queremos tratar da TV como criação, como produção cultural que nos oferece uma série de possibilidades de expressão audiovisual, de comunicação de sentimentos, idéias, indagações, informações; ao mesmo tempo, desejamos fazer desse estudo da TV uma forma de pensar os problemas, as possibilidades e os impasses da educação na contemporaneidade – fortemente marcada por alguns sintomas culturais, relacionados às mudanças tecnológicas nas diferentes práticas de comunicação e de informação de nosso tempo, e modos de aprender e de ensinar, certamente alterados justamente pela existência desse e de outros meios de comunicação e informação (FISCHER, 2001, p. 17).

Bueno Fischer discute a importância da televisão a partir da “importância social, cultural e política do meio [...] e, igualmente, [a] especificidade da linguagem e das linguagens da televisão” (p. 8). A prioridade desta abordagem recai, assim, sobre os elementos presentes nos produtos televisivos que estão intimamente ligados à construção de subjetividades e à constituição de identidades, como os conteúdos simbólicos e as imagens.

Ao realçar a participação televisiva no campo simbólico da sociedade contemporânea, Bueno destaca como característica central da TV a diversidade de temas e de abordagens por ela veiculadas, chamando a atenção para o fato de que esses temas aparecem na televisão apoiados pela sua especificidade e por estratégias que buscam atingir os mais variados públicos, mas sempre em conexão com os modos de vida da contemporaneidade, o que é reforçado por uma enorme capacidade de visibilidade e significação. Nesse aspecto, a autora discute o desafio que o campo da comunicação televisiva representa para a educação, a partir da luta pela universalização desta, que, apesar de necessária, se depara com o desafio da não uniformização de conteúdos.

Diferentemente desse dilema educacional não uniformizador, a televisão, segundo a autora, não só atingiu a diversidade de público como também conseguiu apresentar uma diversidade de assuntos a ser apresentada à grande maioria da população. Para Rosa Maria Bueno, em muitos casos, a TV chega a substituir a escola como meio de

informação e formação e, até mesmo, como referência de comportamento dos indivíduos, o que já seria um evidente motivador de estudos sobre a televisão e seu alcance pedagógico. Bueno ressalta que a presença maciça da televisão decorre de suas peculiaridades comunicacionais, além do seu grande alcance social, atingindo a maior parte da população, entrando nas casas de quase todos os brasileiros, cotidianamente, consolidando valores e atitudes relacionadas com a cultura da nossa época e com a estrutura de poder. A TV interage de forma tão intensa no cotidiano, que sua capacidade de publicização torna-se um parâmetro do que é público, conforme aquilo que ela registra e apresenta. Nessa dimensão, o livro chama atenção para o fato de que, enquanto a escola se mantém fechada aos acontecimentos e ignora a vida íntima dos participantes dos seus processos, a televisão estabelece um novo padrão de comportamento ligado à necessidade de se valorizar tal intimidade, desde que permitida sua publicização, para que todos a compartilhem e nela se reconheçam:

A TV – poderíamos dizer – opera como uma espécie de processador daquilo que ocorre no tecido social, de tal forma que “tudo” deve passar por ela, “tudo” deve ser narrado, mostrado, significado por ela. Não há dúvidas, por exemplo, de que a TV seria um lugar privilegiado de aprendizagens diversas; aprendemos com ela desde formas de olhar e tratar nosso próprio corpo até modos de estabelecer e de compreender diferenças de gênero (isto é, de como “são” ou “devem ser” homens e mulheres), diferenças políticas, econômicas, étnicas, sociais, geracionais. As profundas alterações naquilo que hoje compreendemos como “público” ou “privado” igualmente têm um tipo de visibilidade especial no espaço da televisão, e da mídia de um modo geral (FISCHER, 2001, p. 16).

Nesse sentido, um dos aspectos mais interessantes registrados pela autora, com base nas suas observações em sala de aula, é a dificuldade em se distanciar os alunos dos produtos televisivos. Muitos deles, segundo ela, fazem parte tão intrinsecamente do cotidiano desses futuros professores, que se tornaram referenciais culturais, revelando o quanto a televisão faz parte da vida dessas pessoas.

Entretanto, na área de educação, as discussões em torno do cotidiano e dos elementos que cotidianamente interferem no processo de subjetivação ainda estão muito ligadas ao processo interno à escola. Para a autora, como bem o demonstram as falas de muitos professores, a escola vive em conflito e está desafiada pela que ocorre fora dela:

Estou falando em modos de existência narrados através de sons e imagens que, a meu ver, têm uma participação significativa na vida das pessoas, uma vez que de algum modo pautam, orientam, interpelam o cotidiano de milhões de cidadãos brasileiros – ou seja, participam da produção de sua identidade individual e cultural e operam sobre a constituição de sua subjetividade (FISCHER, 2001, p. 16).

A contradição identificada por Rosa Maria, assim como por outros autores, entre o ambiente interno da escola e a velocidade da sociabilidade construída com a intervenção da comunicação midiática, precisa ser superada objetivamente e com a maior urgência. A escola precisa interagir com estes meios e destacar essa interação, como um seu importante campo de estudo, em uma época onde os meios tecnológicos interferem diretamente nos processos de informação, de aprendizagem, de socialização e de construção de identidades. O livro de Bueno Fischer procura deixar claro, assim, que o papel da Educação, diante dos meios de comunicação, é o de criticá-los enquanto produtos culturais, encarando-os para além do senso comum e do entretenimento.

A conexão entre televisão e educação estabelecida pela autora se faz, em especial, a partir da observação de programas televisivos e da prática pedagógica universitária. Autores como Michel Foucault, Muniz Sodré, Jean Baudrillard, Hannah Arendt, Adorno, Horkheimer, Marshal McLuhan, Stuart Hall, entre outros, são então utilizados com o objetivo de contribuir para que as áreas de educação e de comunicação superem o distanciamento hoje existente e que não cabe mais em um contexto contemporâneo tão complexo e marcado centralmente pela tecnologia da informação.

A autora aborda ainda o poder de utilização das imagens que o meio detém. Imagens que se tornam padrões; imagens carregadas de informação, de significados, consolidando a imagem como produto cultural de grande importância. Porém, estas são imagens selecionadas dentro de estratégias do meio televisivo, o que pode se tornar mais do que padrão, transformando-se em estereótipos, exóticos, uniformizantes, excludentes. Em uma cultura educacional onde ainda se valoriza mais o discurso, fica o desafio para que a educação se debruce sobre o estudo das imagens que povoam o imaginário dos indivíduos e são veiculadas cotidianamente na televisão.

Essas imagens televisivas são veiculadas com um aparato técnico e com um suporte de linguagem poderoso, que se torna extensão das imagens e, em muitos momentos, chega a confundir-se com ela própria: a linguagem se transforma em imagem. São imagens selecionadas, estudadas, tecnicamente preparadas, cada uma delas direcionada a um tipo de linguagem própria ao público que vai atingir. Tudo isso com uma enorme capacidade de variação. Ao reconhecer a capacidade das imagens e da linguagem televisiva de interferir na formação cultural e no comportamento político das pessoas, porém, a autora destaca que o público possui uma enorme diversidade de interpretação desses produtos. Os diversos sentidos dados a essas imagens demonstram que o público, ao assistir a TV, não o faz de forma passiva, segundo uma imagem corrente, ou como, em geral, considera-se em muitos meios educacionais.

A população reinterpreta, dá sentido às mensagens que recebe de acordo com sua bagagem cultural, sua vivência política, ou seu momento cotidiano. Esse aspecto dá um sentido de imprevisibilidade aos produtos televisivos, que em muitos momentos colocam em xeque a teoria de manipulação da mídia. Apesar da grande população trabalhar com aspectos do senso comum, estes são importantes instrumentos de independência na construção de subjetividades e sentidos do homem comum. Isso demonstra que a autora não encara o grande público como um ente estático, passivo, mas sim dinâmico, imprevisível, em

muitos momentos, e em vez de ser objeto manipulado pelos produtos culturais, ele seria, antes, capaz de reinterpretar e manter-se equidistante em relação aos sentidos veiculados pela TV:

Certamente não há um controle pleno de tal processo: o espectador pode responder diferentemente do esperado, porque tem um lugar próprio, distinto daquele lugar a partir do qual o filme ou o programa de TV lhe fala. Além disso, mesmo que haja o objetivo de atingir um certo público em especial, e mesmo que haja uma história de certo tipo de personagens ou histórias audiovisuais com seus públicos, qualquer produto da cultura de massa estará sempre lidando com um leque bem mais amplo de espectadores e de respostas possíveis. Há uma tensão entre o direcionamento a um público específico e a sombra das grandes maiorias, do público disperso e “zapeador” da televisão (FISCHER, 2001, p. 80-81).

Essa percepção da autora traz também desafios para a área da educação. Muitos educadores, em sua vivência escolar, acreditam que a escola é capaz de mudar, transformar sozinha a sociedade brasileira. Esse, inclusive, é um discurso hegemônico nos próprios meios de comunicação, a visão de que a escola é a redentora da sociedade e que os aspectos econômicos e políticos são secundários em relação a suas potencialidades intrínsecas. Assim, trazer para a discussão o fato de que a televisão não é capaz, por si só e apostando-se em sua onipresença, de transformar os comportamentos, sendo ela, nesse caso, um potencial recurso didático, pedagógico e cultural de grande alcance (tanto quanto a escola), deve, por outro lado, colocar em questionamento a visão simplificadora do comportamento da população brasileira. Uma população tão diversa e tão rica na sua história de superação e enfrentamentos.

O roteiro de análise dos materiais televisivos sugerido pela autora, segundo ela por sua experiência como professora, pode ser adaptado aos materiais de cinema, de vídeo e outras mídias. Além disso, esse roteiro pode ser usado no trabalho de professores dos diversos níveis de ensino, desde que a formação do professor seja anterior; esta, segundo ela, “é condição *sine qua non*” (FISCHER, 2001, p. 91).

O roteiro sugerido foi utilizado em suas aulas para estudantes de Pedagogia, portanto, para futuros professores ou futuros pesquisadores da área de educação ou futuros gestores de educação, ganhando autoridade, não só pelo acúmulo teórico, mas também pela experiência vivenciada em sala de aula. O roteiro sugerido objetiva demonstrar a amplitude que o estudo da TV proporciona e a importância de que seja incorporado ao trabalho pedagógico de sala de aula. Outro aspecto importante, portanto, do texto de Bueno Fischer é proporcionar a aplicação prática de suas análises sobre a relação entre televisão e educação, como destaca na citação a seguir.

O que desejo é mostrar as muitas possibilidades de estudo da TV, no sentido explicitado ao longo deste livro: de ampliar a compreensão a respeito do currículo escolar, de modo que este incorpore decisivamente os tantos aspectos da cultura, na prática pedagógica, os tantos saberes que circulam na sociedade e que participam da formação de crianças e jovens, entre os quais certamente estão os saberes e práticas tratados nas imagens, textos e sons produzidos e veiculados pela televisão (FISCHER, 2001, p. 91-92).

A autora baseia seu roteiro em perguntas, trazendo a possibilidade ao aluno e/ou professor construir as suas próprias respostas diante do estudo da TV. Esse roteiro de seis perguntas permite um interessante espaço para o estudo das *representações sociais* na educação e na análise de discurso. Oferece material de elaboração espontânea dos alunos e ao mesmo tempo permite uma reflexão diante do objeto de observação, a TV. As perguntas começam levando o aluno a perceber que tipo de programa ele está assistindo e quais as estratégias de veiculação presentes e a quem se “endereço”. Essas perguntas estão dentro daquela análise da autora sobre a diversidade de programas e sobre os diferentes públicos que a TV se propõe a alcançar. Na sequência, são formuladas perguntas a respeito da estrutura do programa, do assunto e da origem. Essa segunda etapa de indagações contribui para a análise mais objetiva dos materiais televisivos, superando a visão emocional e apenas espontânea. Em um terceiro momento, as perguntas focam a linguagem do produto observado, para concluir com questionamentos a respeito

da relação daquele programa com o contexto, problemas relacionados, teorias, temáticas que possam interessar à educação:

A experiência com professores e também com alunos de cursos de Pedagogia além de investigações diversas sobre mídia, cultura e produção de subjetividades, permitem-me afirmar que, quanto mais aprendermos sobre a linguagem das imagens audiovisuais, quanto mais nos debruçarmos atenciosa e prazerosamente sobre esse objeto *televisão*, mais ampliamos nosso entendimento do que seja efetivamente o currículo escolar - algo que ultrapassa a relação e distribuição de conteúdos e disciplinas ao longo de séries e níveis de ensino (FISCHER, 2001, p. 109).

A autora demonstra como percebe o currículo escolar e a sua relação com o ambiente cultural no qual a escola, os professores, os alunos, enfim, a sociedade está inserida e, por isso, considera ela, “[...] a TV precisa entrar nas escolas e na formação dos professores não apenas como recurso, meio, mas também – e sobretudo – como objeto de estudo (FISCHER, 2001, p. 113). Rosa Maria lamenta que grande parte dos educadores e a própria educação institucional, formal têm visto com desinteresse os estudos voltados para a análise da televisão. Com larga experiência em projetos de ensino com televisão e programas de TV, ela afirma que as abordagens voltadas para a TV não são instigantes e nem esclarecedoras. Mesmo os programas governamentais, que visam à inserção da TV no meio escolar, apresentam uma concepção que, em geral, acaba por encará-la como mero recurso didático. Aliado a isso, somam-se a rigidez da rotina e o despreparo dos professores no uso desses meios.

Rosa Maria Bueno – autora, educadora, pesquisadora e telespectadora – buscou responder à inquietação comum acerca da importância da televisão, diante das possibilidades que esse meio oferece à educação e a possibilidade de conhecer os sentidos e interpretações dos diferentes públicos diante dos diferentes programas, as representações construídas e subjetividades modificadas. Por isso, construiu uma proposta inovadora de abordagem desse meio, com uma possibilidade pedagógica interessante para as áreas de Educação e Comunicação.